

DO DIÁLOGO AO SILÊNCIO: UMA LEITURA DE “DOIS HOMENS”, DE LUIZ VILELA¹

Yvonélio Nery FERREIRA*
Daiana Nascimento dos SANTOS**

- **RESUMO:** Neste artigo, realizamos uma análise do conto “Dois homens”, da coletânea *Tremor de terra*, de Luiz Vilela, no fito de identificar marcas do sujeito contemporâneo e o funcionamento do diálogo e do silêncio a partir de um narrador incomodado com o silêncio de dois indivíduos sentados em uma mesa de bar. Apoiados em questões pertinentes às características narrativas de Vilela, atentamos para o funcionamento do diálogo e do silêncio em suas obras. Para tanto, foram fundamentais o aporte teórico de Bakhtin (2018), Paz (2015), Ricoeur (2014), Santiago (1989), Ferreira (2018), entre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Diálogo. Silêncio. Narrador contemporâneo. Luiz Vilela.

Apontamentos iniciais

Luiz Vilela é um dos mais emblemáticos escritores de ficção da literatura brasileira contemporânea, com escrita madura e representativa dos problemas humanos, desde o lançamento de seu primeiro livro, *Tremor de terra*, de 1967. Sua obra, aparentemente simples, abarca temas cotidianos que, de início, nada têm de elevados, fazendo o leitor desavisado incorrer no erro de pensar a narrativa apenas enquanto texto que reflete situações quase sempre comezinhas, por vezes, no limiar da banalidade, mas que, a partir de uma leitura atenta, revela personagens imersos em introspecções amargas e impositoras de forte sensação de angústia em face do mundo.

* UFAC - Universidade Federal do Acre. Cruzeiro do Sul – Acre – Brasil. 69980-000

UPLA - Universidad de Playa Ancha. Centro de Estudios Avanzados. Viña del Mar - Chile- yvoneryferreira@gmail.com.

** UPLA - Universidad de Playa Ancha. Centro de Estudios Avanzados. Viña del Mar - Chile - daiana.nascimento@upla.cl.

¹ O presente artigo está vinculado ao projeto Conicyt+Pai/Convocatoria Nacional subvención a La Instalación en La Academia, Convocatoria 2018, Folio 177180056' e é resultado do projeto de Estágio Pós-doutoral intitulado “Ideais de resistência e representações do terror e do medo: leituras comparativas de romances brasileiros, chilenos, paraguaios e peruanos sobre as ditaduras militares na América do Sul”, desenvolvido pelo Dr. Yvonélio Nery Ferreira no Centro de Estudios Avanzados, Universidad de Playa Ancha, Valparaíso/Viña del Mar - Chile, sob supervisão da Dra. Daiana Nascimento dos Santos.

Artigo recebido em 30/07/2019 e aprovado em 20/09/2019.

Os sentimentos, provenientes do contato com o mundo e com outros personagens, fazem emergir ruminções ácidas acerca da condição humana e de experiências interpessoais, possibilitando que as temáticas abordadas em suas obras suscitem questionamentos concernentes às relações humanas e à existência. Com isso, no que tange aos sujeitos narrativos, há certa indisposição e fragilidade no enfrentamento do conturbado cotidiano que os afeta gradativamente, esfacelando o dia a dia que se dissolve ante a perda de sentido da vida.

Vemos, então, a instauração de um espaço quase insólito, no qual os personagens são obrigados a efetuar certas escolhas nada agradáveis no tocante ao que fazer de si, levando-os, por vezes, a se sentirem como uns “quase-nada” em meio à inconsistência das relações ali delineadas. Desencadeia-se, logo, uma incompletude dilacerante que atormenta e coloca os sujeitos em processo de questionamento de si, do outro e do mundo, infligindo intenso estado de tensão devido à instabilidade do ambiente onde figuram. Há, também, inúmeros sentimentos contraditórios minando a comunicação que, paulatinamente, torna-se elemento precário e marcado pelo silêncio.

Pensando em tais apontamentos, o objetivo desse artigo é uma análise do conto “Dois homens”, da coletânea de narrativas curtas *Tremor de terra*, de Luiz Vilela, no fito de atentar para a visão de um narrador, o qual chamamos de pós-moderno, e seu incômodo ao observar o silêncio de dois homens sentados em uma mesa de bar. Para tanto, perpassamos, inicialmente, questões relativas ao diálogo – um dos principais elementos da narrativa de Vilela –, em seguida observamos as relações que podem existir entre diálogos e silêncios e o que caracteriza esse tipo de linguagem, para então adentrarmos nas leituras do conto.

Acerca do diálogo

Problematizar o diálogo a partir de uma visão não estrutural envolve uma série de questões, como a formação do sujeito e a constituição de sua identidade. A partir desses aspectos, há teóricos cujos posicionamentos se entrecruzam em alguns pontos, principalmente no que diz respeito às relações entre os sujeitos.

Mikhail Bakhtin (2018) apresenta uma visão das relações interpessoais a partir do processo denominado dialogismo. Esse sistema de interação abarca intrinsecamente outros elementos fundamentais para se entender os posicionamentos de Bakhtin (2018) acerca do diálogo. Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, o teórico russo parte do pressuposto da palavra como um instrumento de linguagem impregnada de ideologia. A palavra carrega em si as marcas culturais, sociais, psicológicas, dentre tantas outras que um indivíduo adquiriu e adquire constantemente a partir dos atos de comunicação com seus semelhantes. Nesse sentido, Bakhtin (2018, p. 29) afirma:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.

A partir desta afirmação e com base no fato de o indivíduo, em decorrência de sua linguagem, representar um elemento ideológico, nota-se que toda a carga comunicativa desse sujeito pensante e falante possuirá marcas de sua interação com um outro. Com base no fato de não haver formação ideológica sem o contato entre sujeitos, o eu estará marcado por elementos significativos advindos do outro, fazendo da recíproca algo verdadeiro. Não há como negar essa influência, pois um indivíduo não existe apenas como parte de uma realidade. Por isso, pensando haver um processo de troca interacional de ideologias, não se pode afirmar a existência de uma consciência individual, uma vez que essa particularidade será definida inconscientemente por diversas singularidades de outros sujeitos. Portanto, fazendo parte da comunicação na vida cotidiana, o modo de interação ideológica não pode ser visto de forma particular.

Ao ser observada como parte integrante da vida cotidiana, tem-se que a palavra torna-se, segundo Bakhtin (2018, p. 34) “o modo mais puro e sensível de relação social”. A partir da palavra, revelam-se todos os anseios, desejos, angústias, inquietações e diversos outros sentimentos do indivíduo. Com ela vem à tona a bagagem subjetiva contida nos atos de comunicação, formadores da identidade narrativa do indivíduo.

De acordo com as proposições do teórico Cristovão Tezza (2003, p. 32), qualquer “[...] palavra concreta (pensada, falada, escrita, sussurrada, imaginada, sonhada) está vestida, impregnada, banhada de significados sociais concretos prévios sobre os quais colocamos nossa orientação”, ela sempre se reporta a alguém e seu entendimento ultrapassa o simples ato de compreensão do que foi expresso. O outro que recebe a mensagem é um ser social, carregado de ideologias que determinam o pensamento, fazendo com que o acordo não seja passivo, ocorrendo a busca de uma resposta, ou seja, um diálogo.

É na relação entre o eu e o outro que o signo se afirma como parte integrante não apenas de uma realidade, refletindo e refratando outras, sempre absorto nos juízos de avaliação ideológicos, formando uma cadeia que se estende a cada indivíduo, os interligando. São sujeitos imbuídos de signos que só se tornam consciência ao absorver e se impregnar de conteúdo ideológico, ou seja, somente na ocorrência do processo de interação social. Para tanto, a organização social é indispensável para a concretude do signo, pois “[...] a consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social” (BAKHTIN, 2018, p. 33).

Sendo a palavra, o principal elemento responsável pelos vínculos sociais, salientamos que a linguagem não é uma realidade isolada em nenhuma de suas possibilidades, ela não é, para usar terminologias bakhtinianas, monológica, mas sua essência é intrinsecamente dialógica. As relações dialógicas se ordenam a partir das interações sociais de valor que preenchem todo enunciado – unidade de correspondência social –, como um emaranhado de relações entre pessoas socialmente organizadas. Com isso, uma abordagem dialógica é possível em relação a qualquer parte significante de um enunciado, podendo atravessar o interior do enunciado, mesmo de uma palavra, porém, é fundamental que duas ou mais vozes se choquem dialogicamente.

Vamos, com isso, paulatinamente, compreendendo como Bakhtin entende a linguagem: uma realidade teoricamente saturada e um fenômeno constantemente estratifi-

cado. Ela não deve ser mais vista como um sistema de categorias gramaticais abstratas e homogêneas. A linguagem reflete e refrata o mundo, indicando para uma realidade que lhe é externa, para a materialidade do mundo. Para Faraco (2003, p. 50, grifo do autor), refratar significa

[...] que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo.

Em outros termos, a refração é a forma como se instauram nos signos, na linguagem, a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Com isso, decorre dessa ordem refratária, uma multidão de vozes sociais que compõem o âmbito dialógico da linguagem. Vozes que coexistem mutuamente, se apoiando e se contrapondo, se construindo e se diluindo, dizendo e silenciando, ou explicitamente ou de forma velada, formando outras e outras vozes sociais, em um *continuum* infinito na formação e nos enunciados. Depreende-se, portanto, o fato de todo dizer ser parte integrante de uma ampla discussão cultural. Para tanto, a linguagem se reporta ao “já dito”, para uma memória coletiva e discursiva. Além disso, ela necessita de uma réplica, por ser orientada para uma resposta; e, novamente, reforçamos o fato de que todo dizer da linguagem a torna internamente dialogizada, ou seja, articulada por múltiplas vozes.

Compreendemos que o princípio dialógico carrega em seu bojo a essência da não finalização, do vir a ser, sendo caracterizado pelo princípio da incompletude, da heterogeneidade, pois, segundo Maria da Glória Corrêa Di Fani (2003, p. 76, grifo do autor), o princípio dialógico da linguagem “[...] se constitui por uma abordagem social que lhe é própria, um ‘compartilhar com o outro’ que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista, pois se instaura na língua como um processo interacional, realizado na enunciação”.

Portanto, o dialogismo, enquanto aspecto intrínseco à linguagem, na concepção bakhtiniana, abrange qualquer possibilidade de sentidos, preservando os resquícios dos já-ditos, dos não-ditos e de outros ditos.

Seguindo para além do dialogismo, Faraco (2003, p. 76) destaca que

Vivendo num mundo pesadamente monológico, Bakhtin foi, portanto, muito além da filosofia das relações dialógicas criada por ele e por seu Círculo e se pôs a sonhar também com a possibilidade de um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra.

É diante dessa perspectiva que observamos a teoria bakhtiniana do dialogismo, enfatizando o que há de comum entre a situação de enunciação de qualquer falante e a situação de enunciação de um produtor literário: ambos estão condicionados ao diálogo, verificado em diferentes níveis: entre o falante e o interlocutor diretamente envolvido,

entre o falante e o sistema linguístico no qual assenta e do qual deriva o seu discurso particular, entre aquele e o contexto imediato e mediato (povoado por uma multiplicidade de linguagens ou discursos diferentemente acentuados e ideologicamente saturados).

Transpondo para o caso da literatura, esses diferentes níveis corresponderão às seguintes relações dialógicas: entre o autor e o leitor ou, no plano intratextual e tratando-se de uma narrativa, entre o narrador, o narratário e as personagens (e respectivos pontos de vista); entre a série literária e a série linguística; entre a obra concreta e o sistema literário precedente e contemporâneo; entre a obra e o contexto social saturado de discursos e linguagens concretas de várias espécies – o que Bakhtin designa de plurilinguismo. Apesar das diferentes formas de relação dialógica, a que interessa para o amadurecimento da idéia de diálogo é a estabelecida no interior da narrativa, seja entre o narrador, o narratário e as personagens, seja entre essas consigo mesmas e com outras.

Com base nas relações interpessoais, quer na narrativa, quer no cotidiano, enfatizamos, segundo Patrick Dahlet (1997, p. 61) que “quando falamos, não estamos agindo sós”, pois o homem emerge de seu contato com ou outro. Ou seja, o eu só pode identificar-se a partir dos outros, pois são esses os grandes responsáveis pela conduta do eu. Portanto, Bakhtin (2011, p. 389) afirma que “O eu se esconde no outro e nos outros, quer ser unicamente outro para outros, entrar até o fim no mundo dos outros como um outro, liberar-se do peso do único eu no mundo (eu-para-mim)”. Essa observação do teórico russo está no cerne da questão do diálogo como um elemento de interação pessoal e social.

Assim, nota-se o sujeito como um ser dialógico, pois o processo de troca de experiências entre os indivíduos é mútuo, não havendo um sujeito único e isolado. “O outro do sujeito para Bakhtin é fundamentalmente um ‘nós’, ou seja, a pessoa na qual podem desaparecer todos os outros, o ‘eu’ inclusive” (DAHLET, 1997, p. 69, grifo do autor) Portanto, o eu é visto como um ser dialógico por apresentar em sua voz a diluição de todos os homens – os outros.

Ainda sobre essa perspectiva, Bakhtin (2018, p. 148-149) pondera:

A unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo.

A recepção, vista então como fundamental para o diálogo, interliga-se ao fato de esse processo interacional não se concretizar apenas na individualidade, mas na sociedade, comprovando o caráter social e ideológico das relações interpessoais. A ação dialógica ocorre no interior do sujeito, pois é lá que se alcança a compreensão do outro como um ser, assim como o eu, também dialógico.

Além de Bakhtin, outros teóricos modernos também refletiram sobre o diálogo. O poeta e crítico mexicano Octávio Paz (2015) apresenta, em seu texto *Signos em rotação*, a teoria da *outridade*, vista como uma manifestação poética, mas que se insere perfeitamente

nos apontamentos feitos sobre o diálogo como elemento primordial para a compreensão da narrativa de Luiz Vilela.

Octávio Paz (2015) aponta o homem contemporâneo como um ser desagregado em um ambiente de dispersão contínua. O indivíduo perdeu sua coesão e deixou de ter um ponto fixo, um centro, passando a apresentar-se como um ser mais fechado em si mesmo. Há, então, um culto exacerbado do eu, pois existe continuamente uma repetição do eu a partir da tendência contemporânea de negação do outro, levando, conseqüentemente, à multiplicação de si. Tal fato se interliga às visões aqui apresentadas sobre o diálogo, apontando algumas considerações importantes a respeito desse e do monólogo:

O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e como monólogo. O primeiro se fundamenta na pluralidade; o segundo, na identidade. A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo ao falar como os outros; a do monólogo em que nunca sou eu, mas outro, que escuta o que digo a mim mesmo. (PAZ, 2015, p. 318).

Paz, assim como Bakhtin vê o diálogo como um elemento de interação entre sujeitos. Sua constituição está baseada no ato da pluralidade, uma vez que ao falar com o outro o indivíduo fala consigo mesmo, pois esse outro é composto pelos diversos “eus” com os quais esse se relaciona. Seguindo tal raciocínio, o monólogo também é dialógico, pois concentra em sua essência a influência constante do outro, por isso diz-se que ele se fundamenta na identidade, e se essa é a base do monólogo, ele também é múltiplo de vezes, tendo em vista o fato de a identidade ser composta de diversos contatos entre indivíduos, portanto, se amparando constantemente no outro que a constitui.

Considerando que há uma multiplicidade a partir da unidade também diversa do eu, Paz (2015, p. 325) aponta:

A outridade é antes de mais nada a percepção de que somos outros sem deixarmos de ser o que somos, e que, sem deixarmos de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte. Somos outra parte. Em outra parte quer dizer: aqui, agora mesmo enquanto faço isto ou aquilo. E também: estou só e estou contigo, num não sei onde que é sempre aqui. Contigo e aqui: quem és tu, quem sou eu, onde estamos quando estamos aqui?

Compreender a si mesmo é conscientizar-se do outro, pois a separação desses dois elementos sociais é algo impossível. O sujeito não vive apenas sua vida; ele, ao agir, vive a vida de outros sujeitos. Portanto, o diálogo de um sujeito representa o comunicar de toda a humanidade, uma teia narrativa que impede que o indivíduo seja ele mesmo, uma vez que o eu é constantemente o outro.

Com base em tal visão, notamos as ponderações de Paul Ricoeur (2014) a esse respeito como pertinentes. O filósofo francês trabalha as questões concernentes às relações interpessoais a partir da identidade pessoal, que contém em seu centro a presença de outras narrativas alheias ao indivíduo. Esse posicionamento, condizente com os olhares já apresentados de Mikhail Bakhtin e Octávio Paz, mostra que é a

partir da narrativa, ou seja, da utilização da fala de uma pessoa, que essa expressa sua identidade pessoal.

Questionar “Quem sou eu?” ou “Quem é você?” implica conhecer a narração de uma vida. Em sua obra *O si-mesmo como outro*, Ricoeur (2014) aponta respostas para essa interrogação a partir de dois elementos formadores da identidade pessoal: a mesmidade – do latim *idem* – e a ipseidade – do latim *ipse*. A identidade no sentido *idem* estaria relacionada à face objetiva da identidade, correspondendo, ao mesmo tempo, uma relação numérica e qualitativa, fundamentalmente o caráter do sujeito. Em termos numéricos, ao indicar unicidade, a identidade se opõe à pluralidade, pois, segundo Ricoeur (2014, p. 141) “[...] da noção de identidade corresponde a operação de identificação entendida no sentido de reidentificação do mesmo, que afirma que conhecer é reconhecer: a mesma coisa duas vezes, *n* vezes”. Já a identidade qualitativa indica uma semelhança extrema, mas compatível com a pluralidade, não havendo ainda a perda semântica.

No sentido *ipse*, a identidade aponta para o aspecto subjetivo do indivíduo, a livre manutenção de si, sendo imprescindível para sua permanência no tempo. Ricoeur (2014, p. 13) aponta que “[...] a identidade no sentido *ipse* não implica nenhuma asserção concernente a um pretense núcleo não-mutante da personalidade”. Ou seja, a identidade *ipse* indica o caráter singular da individualidade do sujeito.

Os posicionamentos de Bakhtin, Paz e agora de Ricoeur estão relacionados ao conceito de alteridade do sujeito. Ou seja, ao fato ou estado de ser outro, de pôr-se ou constituir-se como outro. Portanto, lembramos que o eu só existe em identidade e diálogo com os outros, sem os quais não se poderá definir. Nesse aspecto Ricoeur (2014, p. 52) observa que “[...] não posso falar de modo significativo de meus pensamentos, se não posso ao mesmo tempo atribuí-los potencialmente a um outro diferente de mim”. Há a necessidade de assumir o eu como parte integrante de um outro, cuja desvinculação se torna impossível em virtude da composição narrativa existente no campo ideológico do eu.

A identidade narrativa corresponde a um tipo de identidade à qual um sujeito se configura por motivo da função narrativa, que possui a propriedade de manifestar a identidade pessoal. Na narrativa, há o estabelecimento de ligações entre fatos inicialmente desiguais, mas que levam a conhecer a história de uma vida, mostrando-se, na perspectiva de Ricoeur (2014, p. 167) “como o primeiro laboratório do julgamento moral”, pois a narração nunca é eticamente neutra. Nota-se, então, a essência da identidade narrativa sendo revelada na dialética da ipseidade e da mesmidade que envolve, também, uma lógica da personagem. E, pensando nisso, Ricoeur (2014, p. 168) apresenta a “[...] noção de intriga, transposta da ação para os personagens da narração”.

Compreender os acontecimentos e a intriga como fonte integrante da narrativa de vida de uma personagem é apontar para o fato de que essa narração desvela grande parte da carga emotiva, cultural e social do sujeito. Os contos de Luiz Vilela são bons exemplos disso, pois os conflitos pelos quais passam as personagens revelam sua identidade e sua angústia perante o mundo, com elas mesmas e com as pessoas com as quais convivem.

Nesse ponto tem-se o diálogo, no sentido em que foi apresentado acima, como elemento primordial para entendimento dos conflitos pelos quais passam as personagens de Vilela. Nos diálogos, estabelecidos interna ou externamente com outros sujeitos, há a

apreensão da forma como as relações interpessoais geraram os conflitos e como os mesmos são fundamentais para a compreensão do comportamento das personagens.

Sobre o modelo narrativo, o diálogo e ainda no âmbito do acontecimento, Ricoeur (2014, p. 169) observa:

A diferença que distingue o modelo narrativo de qualquer outro modelo de conexão reside no estatuto do acontecimento, do qual fizemos muitas vezes a pedra de toque da análise do si. [...] o acontecimento narrativo é definido pela sua relação com a própria operação de configuração; ele participa da estrutura instável de concordância discordante característica da própria intriga; ele é fonte de discordância, quando ele surge, e fonte de concordância, no que ele fez avançar a história.

Portanto, a narrativa constrói a identidade das personagens, elemento que não cessa de se fazer e desfazer a todo momento em decorrência do contato existente entre os indivíduos. A narrativa pode ser considerada como um espelho refletindo a imagem de quem narra e também sua identidade. Nesse sentido, fez-se mister apontar como elementos primordiais para a construção do diálogo, as noções de homem contemporâneo; de identidade; de dialogismo; de outridade e de identidade narrativa como algo que reflete o homem e suas relações em si mesmo.

Do diálogo ao silêncio

É inegável, e quase unânime entre a crítica, reconhecer o diálogo como elemento fundamental na composição narrativa de Vilela, delineando não só um recurso estilístico, mas, também, uma forma de discutir questões, como o silêncio, a modernidade, a memória, entre outros fatores que envolvem as relações interpessoais entre os personagens. Portanto, o diálogo pode aparecer marcado tanto por travessões quanto por aspas. Em entrevista, Luiz Vilela comentou:

Nem sempre tenho uma resposta clara, sinto que tem mais a ver usar um ou outro. Há sutis, mas importantes diferenças entre eles. Tem que ter fluência no desenvolvimento da narrativa. É como se um, o travessão, fosse uma subida, degrau por degrau, e o outro, as aspas, é mais seguido, tem menos breque. Não sei. O que posso dizer com certeza é que não é aleatória a escolha de um ou outro. (PANIAGO, 2002).

Ambas as formas de diálogos apresentadas acima podem ser vistas possivelmente, como um meio, dentre tantos outros, de solucionar os problemas existenciais dos personagens. A relação com o Outro – quando essa acontece – ocorre, por vezes, a partir de diálogos evasivos, indicando uma incapacidade de verbalização dos sentimentos. Supomos que haja, entre tantas outras possibilidades, nessa evasão, ou a busca de se dizer para o Outro ou a necessidade de se afastar dele, o que poderia indicar medo ou

receio, gerando silêncios. Nessa perspectiva, Augusto Massi (2001, p. 17) afirma o diálogo, no âmbito da linguagem, como um elemento “[...] sempre a serviço da comunicação. Mas, muitas vezes ele camufla o silêncio, denuncia o esvaziamento da conversa, a solidão dos que falam”. Pode acontecer de o personagem negar-se a utilizar o diálogo – o que caracteriza uma forma de linguagem –, levando o sujeito a uma introspecção, a um isolamento do mundo.

Aqui, apresentamos como exemplo o conto “O buraco”, de *Tremor de terra*, uma demonstração do afastamento e da negação da comunicabilidade com o outro. José, ao cavar um buraco no quintal de sua casa, vai se isolando do mundo e de suas relações interpessoais, chegando ao ponto de passar a viver nesse buraco, não buscando nenhuma relação comunicativa com ninguém, após ter “virado” tatu. Esse conto pode representar uma metáfora do indivíduo moderno, com dificuldades para estabelecer uma relação mais profunda com o outro. Portanto, segundo Massi (2001, p. 13):

Embriagados pela raiva e seduzidos pelo silêncio, os personagens parecem intuir que algo de verdadeiro e íntimo está se perdendo e tentam, num gesto desesperado de resistência, se agarrar a um individualismo feroz. Travam um exasperado diálogo consigo mesmo.

A relação dialógica, baseada no processo interacional eu-outro, está presente tanto no diálogo quanto em sua negação, fato que representa uma forma de se entender, de se dizer e de ser dito. No entanto, o medo da rejeição leva, por vezes, ao cerceamento dos diálogos. Isso é fundamental para se compreender as relações que envolvem os personagens. Na leitura de Antonio Hohlfeldt (1981, p. 199) sobre a estruturação do conto, encontramos:

A verdade é que a estruturação de um conto de Vilela é sempre e basicamente a mesma: monologando (consigo e, conseqüentemente com o leitor, pois a consciência do ato de escrever – e em decorrência do de leitura por parte de um hipotético leitor) ou dialogando, as personagens de Luiz Vilela avançam com que às apalpadelas, mas com razoável segurança, em meio aos labirínticos elementos desconhecidos, em busca de uma verdade, ainda que extremamente particularizada. Assim, o texto se auto-reconhece e reconhece a seu narrador, desvendando sua não adaptação ao meio e conseqüente opção pela solidão, numa espécie de autoflagelação, cujo contraponto mais evidente são certas revelações antecipadas da trama que o texto, aqui e ali, realiza.

Também sobre o diálogo e sobre esse modo de se comunicar, o crítico Fábio Lucas (1970, p. 127) reitera:

[...] seus contos trazem profunda significação filosófica, apanham o homem mutilado por sua incapacidade de comunicar-se. Os seres não transmitem sua essência e sofrem, arruínam-se. A palavra torna-se um veículo imperfeito e enganador.

Essa afirmação demonstra que as relações entre os sujeitos e o mundo são conturbadas e incompletas e, em virtude de tais características, os personagens, na observação de Wilson Martins (2001, p. 9) “[...] sofrem da condição de existir, da procura sempre frustrada de um sentido para o que acontece”.

A linguagem verbal é um dos elementos que irá representar as relações humanas presentes no diálogo. Há um coloquialismo entremeado nas narrativas, indicando tanto registros da vida contemporânea quanto um ritmo oral do falar do interior. Do fluxo da narrativa, com “tom de conversação”, observam-se as frases feitas, as conversas familiares, a vida na pequena cidade, rituais fúnebres, histórias que mais parecem “casos”, características típicas da “mineiridade”.

Para Wilson Martins (2001, p. 8),

[...] o estilo de Luiz Vilela estrutura-se em torno de frases simples e da notação rápida; ele é particularmente notável na espontaneidade com que reproduz não somente o diálogo, mas o tom da conversação, configurando um exercício discursivo no qual, a partir da linguagem, há o desenvolvimento de temas como a solidão, a nostalgia, o sofrimento humano, muitas vezes relativos a dois tempos: passado e presente, alimentando a retomada de valores éticos não mais adequados aos padrões atuais da sociedade.

Portanto, ansiedade, desconforto, sentimento de estar à deriva, problemas de comunicação entre os personagens são apenas alguns elementos característicos das narrativas de Luiz Vilela, marcas que nos levam à busca de compreender a comunicação que se esvai e o silêncio que se instaura à medida que a palavra não se torna mais possível.

Sobre silêncios²

Antes de iniciar a análise as quais nos propomos, percebemos a necessidade de apresentar alguns aspectos concernentes ao campo do silêncio, para, então, apontá-lo enquanto elemento constitutivo do processo histórico ao qual nos referimos. Nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas por Ferreira (2018) acerca do silêncio e das formas assumidas por essa linguagem são elucidativas. Contrariando o discurso corriqueiro de que o silêncio é elemento esvaziado de sentido, o pesquisador afirma

[...] não ocorrer comunicação sem silêncio, pois o mesmo se constitui como origem de toda e qualquer forma de linguagem, seja ela verbal ou não verbal. Tal questão pode ser observada a partir do fato de que ao ser arrancado de um vazio inexistente, porém deduzido, o silêncio se estabelece enquanto prenhe de linguagem, proporcionando possibilidades comunicativas das mais variadas e estabelecendo sentidos, conscientes ou inconscientes. Com isso, o silêncio não aniquila a linguagem, mas, sim, propicia sentidos a ela (FERREIRA, 2018, p. 53).

² O assunto acerca do silêncio já foi discutido em outros textos, porém reformulado e adequado para este artigo.

(Re)criando e (des)construindo discursos, o silêncio, arqueologicamente, se estabelece enquanto um entre vários formadores da essência do ser, fazendo do sujeito não apenas um ser da linguagem, mas também do silêncio. Sartre (2013, p. 39) afirma que “[...] o silêncio é ele mesmo um ato verbal, um buraco escavado na linguagem”. Nesse sentido, e aqui utilizamos o termo no plural, os silêncios não esgotam o valor da linguagem, ao contrário, fazem com que ela brote de cada fissura aberta por sua aparente ausência. Com isso, os enunciados não estão necessariamente legíveis nas palavras, pois é crucial penetrar as grotas existentes em cada signo para delas arrancar os sentidos ali incrustados em silêncios.

Palavra e silêncio não são elementos contrários, mas complementares, ativos e significantes que fazem com que os discursos passem a significar e existir a partir de suas ligações mútuas, tornando quase impossível a existência de palavra sem a presença do silêncio como marco fundador da mesma. De acordo com Le Breton (1997, p. 16), “[...] cada palavra proferida tem a sua parte de ruído e a sua parte de silêncio e, de acordo com as circunstâncias, soa com mais ou menos força segundo a dosagem de um ou outro”. Cabe ao silêncio, então, dizer aquilo que as palavras não seriam capazes de expressar, reforçando o fato de nada escapar a ele – elemento primordial, originário e propulsor de sentido –, pois toda enunciação tanto provém quanto possui a marca indelével dessa forma de linguagem, pois, de acordo com apontamentos de Orlandi (2007, p. 31, grifo do autor), “[...] o silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”.

O silêncio pode ser intitulado de reino das palavras e dos sentidos, terreno fértil onde toda palavra se alimenta e o ser busca, a partir da subjetividade, as possibilidades necessárias para a comunicação. Ele pode ser a face neutra onde as palavras ainda só significam pelo conceito dicionarizado, por isso estão imersas na obscuridade de sentidos. Nesse local, o silêncio é elemento que, quando transformado em linguagem, forja, de diversas maneiras, as identidades dos sujeitos que, ao serem constituídas incessantemente, silenciam discursos já existentes e fazem nascer outros mais. O silêncio ressoa através da própria existência, pois falar do silêncio é falar do próprio ser.

Pensando na linguagem enquanto relações sócio-interacionais – sociais, culturais e de interação entre os indivíduos – e da ideologia como universo de produtos do espírito humano que reflete e refrata realidades exteriores a si, necessitando do signo para existir, atentamos para o fato de toda linguagem estar impregnada de elementos sociais que podem estar explícitos ou em estado latente de silêncio, passíveis de virem à tona, dependendo do modo como a comunicação se estabelece.

Nesse sentido, novamente segundo Ferreira (2018, p. 145),

[...] o silêncio é elemento estruturante ao atravessar diálogos, atitudes, introspecções, sentimentos, excessos, momentos históricos, fases da vida, entre outras possibilidades [...] os modos de significar estão intimamente relacionados às circunstâncias com as quais o silêncio se constitui, sendo, então, como as palavras, marcado por ambiguidades, uma vez que as condições de produção determinam o status que ele assumirá. Logo, o silêncio é fundamental para a comunicação, habi-

tando os espaços onde as palavras não conseguem significar [...] o silêncio é basilar para a formação dos seres e de seus discursos, portanto o que caracteriza as formas de silêncio é o fato de tudo à sua volta ser colocado em evidência. O silêncio é a gênese da comunicação, o elemento propulsor de sentidos cabíveis à linguagem. É o silêncio que molda a comunicação e permite aos seres a possibilidade de diálogo e entendimento dos ditos e não ditos existentes nos discursos que se estabelecem.

Portanto, é pensando nessas questões relativas ao diálogo, às relações incompletas entre os personagens, ao incômodo suscitado pelo cotidiano massacrante, às ruminções ácidas que atormentam os personagens e ao silêncio que se instaura nessa incompletude, que passamos à uma análise do conto “Dois homens”, da coletânea *Tremor de terra*, de Luiz Vilela (2003).

Completude e incompletude no silêncio de dois homens

Em “O narrador pós-moderno”, quando Silviano Santiago (1989) problematiza a figura do narrador, de imediato, algumas conexões se estabelecem; como aquela que remete o leitor mais experiente à obra *A angústia da influência*, de Harold Bloom (2017). Neste estudo, Bloom sugere, para a abordagem das produções contemporâneas, uma “crítica antitética”, ou seja, aquela que se distingue da crítica tradicional por pautar-se nas diretrizes estabelecidas pelo próprio texto. Nesse sentido, no conto “Dois homens”, de *Tremor de terra*, o narrador, responsável por conduzir a visão do leitor sobre a história contada, será o foco das reflexões a seguir.

A visão do narrador em terceira pessoa descortina uma cena em que dois homens estão sentados em uma mesa de bar, um frente ao outro. O que acontece, a partir daí, chega até o leitor por meio do olhar do outro – o narrador. As inferências acerca de quem são aqueles homens ou o que fazem na mesa do bar são todas decorrentes do narrador, que observa a certa distância. São muitas as conjecturas: se são parentes, há quanto tempo estão ali, o que fazem e por que o fazem e, ainda, por que estão em silêncio? Essa é, talvez, a pergunta que o narrador faz a ele mesmo e que mais o inquieta, haja vista que os dois homens permanecem, todo o tempo, em silêncio. A narrativa transcorre permeada pelo incômodo do narrador que, à sua frente, interpreta o silêncio dos dois homens. Sendo assim, para uma abordagem crítica deste conto, faz-se necessário retomar algumas características do narrador, no que diz respeito aos sentidos atribuídos ao ver/olhar/enxergar/reparar; à questão diálogo e do monólogo; bem como problematizar as discussões acerca da alteridade e da comunicação no mundo contemporâneo.

Em “Dois homens”, o foco principal, que recai sobre o narrador, possibilita uma ampla reflexão sobre a pluralidade de interpretações para o silêncio. De acordo com as impressões do narrador, o silêncio pesa, incomoda, considerando que há desvios de comportamento na atitude dos dois homens. Para ele, em virtude do lugar onde se encontravam, o normal, e, portanto, o culturalmente aceito, seria que desenvolvessem algum ato comunicacional, no caso, o diálogo. Convém frisar que esta é a opinião do narrador e, sendo assim, cabe a observação de Silviano Santiago (1989, p. 39):

Tendo uma primeira hipótese de trabalho: o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante.

O espaço físico onde se encontra o narrador é privilegiado; permite-lhe ver, com distinção, tudo o que acontece à sua volta, inclusive todos os movimentos dos dois homens na mesa à sua frente. Mas, apesar de estar ali como espectador, aos poucos e, inexplicavelmente, algo se revela absurdo: o narrador, ao buscar, por meio de suas análises, uma interpretação plausível para o silêncio dos dois homens, na verdade espera encontrar respostas para um silêncio muito mais aterrador com o qual convive interiormente.

O silêncio que o incomoda, pode demonstrar a sua própria ruína existencial. A constatação desse fato seria, para o narrador observador, o fim das suas expectativas de vida e de convivência em sociedade. Ele olha e vê, mas não enxerga; se enxergasse, provavelmente, não repararia, do mesmo modo que faz quando infere sobre as atitudes dos dois homens. Em outras palavras, observa-se que o narrador projeta no outro – no caso, nos dois homens – a sua visão de mundo, profundamente arraigada aos valores morais e sociais já estabelecidos, além de fazer projeções daquilo que, segundo suas concepções, estariam dentro da normalidade ou representariam o ideal.

Na perspectiva bakhtiniana o processo dialógico não nega a influência de múltiplos interlocutores na constituição da realidade do sujeito. Mesmo estando em silêncio, o diálogo interno pode ser um constante pulsar de vozes reveladoras de sentimentos provenientes dos contatos entre o eu e o outro. Portanto, falar não é a prova de que a comunicação se tenha instaurado, porque ela pode também se efetivar no silêncio.

Pelos olhares de Bakhtin, Paz e Ricoeur identificam-se, no processo de alteridade, indícios de que o eu existe em identidade e diálogo com os outros, sem os quais não poderá se definir. O incômodo causado pelo silêncio dos dois homens pode indicar uma necessidade de comunicação do narrador. Talvez ele busque uma identificação, um reconhecimento e, em virtude da ausência de um outro que o constitua como objeto do seu desejo, ele se angustia enquanto os dois homens compartilham, com serenidade, o mesmo silêncio que o incomoda.

Nesse sentido, cada indivíduo é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito, constituinte e constituidor das relações humanas e comunicacionais. Ou seja, o narrador observador constitui os dois homens como objetos de suas análises. Talvez, nem imagine, como possibilidade, que os dois homens, poderiam estar fazendo o mesmo em relação a ele. Com isso, o silêncio não indica inércia da atividade mental nem a paralisação das inúmeras vozes interiores do sujeito. Além de envolver grandes acontecimentos, o silêncio abre passagem para incomensuráveis revelações: a comunicação pode vir do silêncio, pois nem sempre o ato de falar confirma o diálogo. Em contrapartida, há, entre indivíduos, comunicações vazias de significação que se remetem a uma verborrêia ou a um tagarelar que não propicia qualquer reflexão. Assim, para alguns, a reclusão é responsável por dar ao sujeito a condição ideal para suportar melhor uma existência absurda que pode estar

relacionada ao fato de o sujeito conviver com o imponderável, que se traduz pela condição vulnerável de existir, contando sempre com a iminência da morte.

Convém frisar que, em nenhum momento, o narrador do conto diz estar acompanhado, conseqüentemente, ele, também, está em silêncio e, provavelmente, designa ao outro uma atitude que caberia a ele – desencadear uma comunicação. Para tanto, ele dá palavra ao olhar lançado ao outro para narrar o que a palavra não diz, sendo “[...] impávido por ser ainda portador de palavra num mundo onde ela pouco conta, anacrônico por saber que o que a sua palavra pode narrar como percurso de vida pouca utilidade tem” (SANTIAGO, 1989, p. 48). Portanto, o narrador não se apresenta diretamente, revela-se, quando narra o encontro dos dois sujeitos no bar. Ele não consegue extrair, de seus pensamentos, o sentido que lhe falta para uma interpretação de sua própria interioridade, tampouco, pode atribuir a um outro essa tarefa.

O narrador preocupa-se em “cuidar” do outro, ao invés de “cuidar” de si. As projeções e inferências, quanto ao comportamento dos dois homens, refletem a sua atividade mental e suas concepções marcadas por sentimentos maldizentes, julgamentos preconceituosos, além de revelar a turbulência interior de seus próprios anseios. Mais uma vez, retomando o estudo de Silviano Santiago (1989, p. 43), identificamos nas atitudes do narrador a visão de quem “[...] se interessa pelo outro (e não por si) e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes”.

Portanto, o incômodo causado pelos silêncios dos dois homens suscita uma necessidade premente de um diálogo irrealizado e irrealizável, considerando a solidão do narrador. A ele, restam as suposições de que os dois homens, coisificados pela falta de comunicação, encontram-se deslocados ou desviados dos padrões de normalidade concebidos. Quase que tartamudeando, o narrador reflete sobre os dois homens:

Há talvez uns quinze minutos já que os dois estão assim, sentados um frente ao outro, sem dizer e sem fazer nada. Sob a luz clara do bar, entre as outras mesas, cheias de gente, conversas e ruídos, eles dão a impressão de dois objetos sem nenhuma relação entre si e com o mundo ao redor, e que se acham ali por mero acaso, e que serão recolhidos com a garrafa, os copos e os pratinhos pelas mãos ágeis do garçom, que, não vendo neles nenhuma utilidade, os lançará ao lixo (VILELA, 2003, p. 70).

No trecho acima, a visão do narrador acerca da inutilidade do sujeito, compara-se com a inutilidade dos dois homens, considerados objetos descartáveis, haja vista serem recolhidos pelo garçom como restos que devem ser jogados ao lixo. Esse conto instiga no leitor a curiosidade e o interesse para melhor compreender o processo que envolve a inter-relação dos sujeitos no mundo contemporâneo, considerando a possibilidade de respostas para inúmeros questionamentos existentes acerca da incomunicabilidade do sujeito no contexto social.

Finalmente, a aparente simplicidade da temática deste conto, se reveste, ao final de várias leituras, de um alto índice de complexidade à medida que a suposta banalidade de um encontro entre dois homens em um bar, observado por um terceiro, no caso o

narrador, promove uma profunda reflexão sobre o universo interior do homem moderno. Nessa narrativa, as relações interpessoais são tratadas como fatos corriqueiros em que os indivíduos se apresentam desidentificados de sua própria natureza. Como exemplo, as inferências do narrador, supondo que a relação entre os dois homens se tratasse de pai e filho, ao final recolhidos ao lixo, é exemplar de uma concepção do sujeito contemporâneo, desumanizado pelas circunstâncias.

(In)conclusão

É possível depreender, ao longo da vasta produção narrativa de Luiz Vilela, uma intensa preocupação com o sujeito e o mundo contemporâneo. Há o constante pessimismo e ironia quanto a esse mundo, onde se encontram desesperança, dor e silêncios, pois, segundo José Castello (2014, p. 5), “[...] a realidade, nas mãos hábeis de Vilela, é feita de uma matéria inconstante, que está sempre a transfigurar e a tomar formas surpreendentes” e onde, apesar de todas essas mazelas, se destaca um profundo humanismo, uma vez que “nas histórias de Vilela a realidade surge cheia de inversões bruscas e de destinos inesperados. É preciso estar atento para ler a realidade nas entrelinhas, ou a verdade nos escapa”.

Em meio à turbulenta e complexa tentativa de entendimento e inserção do/no mundo, os personagens e suas identidades passam por intenso processo de despersonalização. Decorre disso, sujeitos desestabilizados, prenhes de indefinições e impermanências responsáveis por retirar as bases que davam aos indivíduos referencialidade necessária à convivência social. Nesse decurso, observa-se o mundo fragmentado e a existência individual esfacelada por sucessões de episódios fragilmente interligados, podendo romper-se a qualquer momento, delineando, assim, indivíduos desajustados, cujas identidades flutuam no ar, algumas escolhidas pelos sujeitos outras à sua mercê.

Portanto, as identidades dos personagens são incessantemente (re)construídas e (re)inventadas, desenhando uma luta permanente em sua defesa, para que os mesmos possam ilusoriamente serem protegidos. Emanam, portanto, uma condição provisória das identidades, derivada do parco estabelecimento de relações humanas, vazias ou esvaziadas de significados. Nesse ínterim, a linguagem vai cedendo lugar ao silêncio e ambos não representam mais a incansável busca de entendimento entre o eu e o mundo, mas, sim, a procura de conhecimento de si, algo inalcançável, resultando em um sentimento de insatisfação e pessimismo. É baseado em tais questões que analisamos o conto “Dois homens”, da coletânea *Tremor de terra*, observando, após perpassar questões referentes ao diálogo e ao silêncio, esse sentimento de insatisfação e deslocamento a partir de um narrador inegavelmente pós-moderno.

FERREIRA, Y. N.; SANTOS, D. N. dos. From dialogue to silence: a reading of Dois Homens by Luiz Vilela. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 65-81, jan./jun. 2019.

- **ABSTRACT:** *In this article, we analyze the tale “Dois homens”, from Luís Vilela’s collection Tremor de terra, in order to identify contemporary subject marks and the functioning of dialogue and silence from a narrator troubled by the silence of two guys sitting at a bar table. Based on issues pertinent to Vilela’s narrative characteristics, we look at the functioning of dialogue and silence in his works. For that, the theoretical contribution of Bakhtin (2018), Paz (2015), Ricoeur (2014), Santiago (1989), Ferreira (2018) and others were fundamental.*
- **KEYWORDS:** *Dialogue. Silence. Contemporary narrator. Luiz Vilela.*

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2018.
- BLOOM, H. **A angústia da influência**. 3.ed. Tradução de Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 2017.
- CASTELLO, J. As inconstâncias do mundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 11 jan. 2014.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (org.). **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 59-87.
- DI FANI, M. da G. C. **A linguagem em Bakhtin**: pontos e pespontos. Juiz de Fora: Veredas, 2003.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FERREIRA, Y. N. **O silêncio incessante em narrativas de Luiz Vilela**. Curitiba: Appris, 2018.
- HOHLFELDT, A. C. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- LE BRETON, D. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- LUCAS, F. **O caráter social da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970.
- MARTINS, W. Música de Câmara. In: VILELA, L. **Os melhores contos de Luiz Vilela**. 3.ed. Seleção e prefácio Wilson Martins. São Paulo: Global, 2001. p. 5-9.
- MASSI, A. **O demônio do deslocamento**: introdução a Histórias de família de Luiz Vilela. São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- PANIAGO, P. Frases matemáticas: turbilhão de lâminas certeiras. **Correio Braziliense**, Brasília, 2 ago. 2002. Caderno Cultura. Não paginado.
- PAZ, O. **Signos em rotação**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- RICOEUR, P. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SARTRE, J.-P. **O idiota da família**: Gustave Flaubert de 1821 a 1857. Tradução Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&P, 2013. v.1.
- TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- VILELA, L. **Tremor de terra**: contos. São Paulo: Publifolha, 2003.